

Joana Angélica

Em meio aos conflitos ocorridos na Bahia durante as lutas pela independência do Brasil, destacou-se a religiosa Joana Angélica de Jesus. Baiana, nascida em Salvador, em 12 de dezembro de 1761, Joana Angélica manifestou desde cedo inclinação pela vida religiosa. Seus pais José Tavares de Almeida e Catarina Maria da Silva acolheram de bom grado a vocação da filha.

Assim, aos 20 anos de idade, a jovem Joana entrava como franciscana para o Convento da Lapa; após um ano de noviciado, aos 18 de maio de 1783, professava-se Irmã das Religiosas Reformadas de Nossa Senhora da Conceição. A vida dedicada à oração e caridade fez de Joana Angélica, exemplo edificante entre as irmãs do mosteiro. No Convento atuou em diversas funções, dentre as quais se destacam: a de escritã (1797), vigária (1812-1814), abadessa (1815) e prelada (1819). Na época das lutas pela independência, ocupava pela segunda vez a direção do Convento da Lapa, quando as tropas portuguesas invadiram o local e deu-se o notório acontecimento.

Resultado dos desentendimentos entre brasileiros e portugueses quanto a liderança do Governo das Armas, para o qual foi indicado o general português Inácio Luiz Madeira de Melo, o conflito passou a ser resolvido pelas armas. Assim, no dia 19 de fevereiro iniciou-se com a ofensiva portuguesa. Os lusitanos atacaram o forte de São Pedro e, quase ao mesmo tempo, os quartéis da Palma e da Mouraria. Onde se encontravam oficiais e soldados brasileiros.

Nessa investida ao quartel da Mouraria, um grupo de soldados tentou invadir o recolhimento, do qual Joana Angélica era abadessa. Os portugueses acreditavam que no claustro, vizinho ao quartel, houvesse sediciosos e armas escondidas.

Como diretora do Convento, Sórora Joana Angélica postou-se à porta de entrada diante dos soldados numa tentativa de impedir que aquele local, totalmente vedado a homens, fosse maculado. Colocou-se como barreira, proferindo as palavras: “Recuai ou só penetrareis nesta casa passando por sobre o meu cadáver” (ABREU, 1973). A abadessa foi atacada a golpes de baioneta pelos soldados, que feriram também o padre Daniel Nunes da Silva

Lisboa, capelão do convento.

A abadessa Sórora Joana Angélica faleceu pouco tempo depois, no dia 20 de fevereiro de 1822. Por sua coragem e determinação, hoje é lembrada como mártir da independência do Brasil. Para homenageá-la, a avenida ao lado do Convento da Lapa foi batizada com o seu nome.

Simone Ramos Marinho

REFERÊNCIA

ABREU, Edith Mendes da Gama e. *Aspectos do 2 de julho: 15 anos de independência na Bahia*. Salvador: Secretaria de educação e cultura, 1973.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

BAHIA. Secretaria de Cultura. Fundação Pedro Calmon. *2 de Julho: a Bahia na independência nacional*. Salvador, 2010.

_____. *2 de Julho: a libertação do Brasil na Bahia*. Salvador, EGBA, 2009.

BAHIA. Secretaria de Educação e Cultura. *Aspectos do 2 de julho: 150 anos de independência na Bahia*. Salvador, 1973.

CRUZ, Gutemberg. *Gente da Bahia*. Salvador: Editora P&A, 1997.

SOUZA, Bernardino José de. *Joana Angélica: a primeira heroína da independência do Brasil*. Salvador: Imprensa Oficial do Estado, 1922.

TAVARES, Luis Henrique Dias. *História da Bahia*. 10. ed. Salvador; São Paulo: UNESP; Edufba, 2001.